

# [ PÓS-FACIO ]

As temporalidades negras em espiral podem ser percebidas nos textos que compõem este dossiê. Se nos Estados Unidos da década de 70 estávamos vivendo uma “Guerra do Cânone”, seu esboço já começa a se firmar muito antes, com Zora Hurston e tantas outras autoras negras. No Brasil, a década de 70 também foi marcada por muitas disputas de narrativas dentro da academia e sabemos que a presença negra se notabilizou por acentuar essas contribuições. Mas somente nos anos 2000 que o Brasil, esse país de presença negra marcante e marcada por grande contingente negro, é que vemos essa guerra chegar com mais ênfase. Quase de maneira irreduzível e, esperamos, perene.

Tudo isso se dá por aquilo que Cida Bento chama de “pacto narcísico da branquitude”, ou seja, o desejo de colonizar mentes e fazeres acadêmicos, o que impedia que nossas vozes chegassem com força na produção canônica. Os textos aqui reunidos vieram contribuir com essa “guerra” acirrada pela implementação das políticas de ações afirmativas. Seu caráter combativo é inevitável e espelha o esforço que temos de realizar para não sermos apenas objetos de narrativas exógenas, mas sujeitas em seu pleno significado. Se muito dificilmente nos tornaremos cânones, é necessário, contudo, fazer essa disputa. Não apenas lidas como uma esfera racializada da Antropologia, mas entender que a Antropologia se inaugura em torno do tema racial. Pois se Antenor Firmin faz desse conceito algo questionável e complexo, realizando o primeiro esboço da crítica ao conceito de raça, o mesmo volta a partir de novas configurações de formas cada vez mais difíceis de serem ignoradas. Costumo dizer que raça é o alicerce para pensarmos a conformação moderna de nossa sociedade. A partir do tráfico Atlântico é que se torna possível as relações capitalistas atuais, em que imperam as relações de poder e dominação que tanto conhecemos. Faz-se necessário, assim, que as Ciências Sociais sejam revistas. E, a partir dela, seja construída uma nova Ciência sem os vícios racistas e parciais do passado. A Antropologia Negra é adjetivada porque como nos ensinam as escritoras negras a Haraway: produzimos um saber localizado. Sendo esse caracterizado por descentrar o conhecimento e produzir novas formas de ver e pensar a Antropologia. Os textos aqui contidos trazem essa mensagem. É com eles que continuamos a narrar uma outra Antropologia.

## Denise da Costa

Professora Adjunta no Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, lecionando no Bacharelado de Humanidades e no Bacharelado de Antropologia dessa instituição. Leciona no Mestrado de Antropologia UFC/UNILAB. Doutora e mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa temas relacionados aos estudos africanos desde 2007 a partir de sua inserção no Laboratório de Etnologia e do filme etnográfico. Pautou o tema dos estudos africanos no departamento de Antropologia da UFMG tendo organizado junto à pesquisadora Denise Pimenta o seminário Do lado de lá do Atlântico: o campo da Antropologia em solo africano. Realizou pesquisa de campo e Maputo, capital de Moçambique em 2011, 2014 e 2017. Tem interesse em Antropologia Africana, Raça, Estética, concepções do belo em sociedades africanas e Cinema africano. É integrante da RIPES. Membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia. Compõe o comitê de Antropologia africana da ABA. Coordenadora do Programa de Pós-graduação Antropologia da UFC-Unilab. Além disso, é escritora. Escreve ensaios, artigos acadêmicos, contos e livros didáticos. E-mail para contato: denisecruz@unilab.edu.br